A literatura infanto-juvenil de Rómulo de Carvalho

Â Â LuÃ-sa Ducla Soares

A dualidade Rómulo de Carvalho | António Gedeão também se manifesta na obra dedicada à infância e juventude, embora a vertente de cientista se sobreponha à de poeta e apenas uma pequena peça em verso seja assinada com o pseudónimo literário.

Professor, metodólogo, autor de compêndios dedicados à FÃ-sica, à QuÃ-mica eà s Ciências Naturais, pedagogo emérit não admira que o escritor pretendesse transpor para fora do âmbito meramente escolar a divulgação de temas relacionados com a ciência e a tecnologia, que tão bem dominava e para ele constituÃ-am uma rigorosa paixão.

A tradição deste género literário entre nós iniciara-se na primeira década do século XX, com a publicação de Histórias de animais, sua vida, costumes, anedoctas, fábulas, etc.– Noções amenas de zoologia para crianças de autoria de José Quintino Travassos (1909).

VirgÃ-nia de Castro e Almeida, mais conhecida por outros tÃ-tulos que lhe granjearam um lugar de destaque, deu a lume, pouco depois, Pela Terra e pelo Ar, Noções de Entomologia (1911) e, dois anos mais tarde, As Lições do André (Noções de CiÃancias).

Â

Quase simultaneamente, João da Mota Prego, agrónomo, enveredou pela elaboração de livros romanceados que revelavam aos mais novos a realidade da vida agrÃ-cola, da produção pecuária e assuntos afins com uma sucessão de livros como O pomar do Adrião, A leitaria da Rosalina, A lagoa de Donim: piscicultura, A horta do Tomé, Os netos do Nicolau: sericultura.

Fernand´Almiro inaugurou, em 1942, a «Biblioteca dos meus filhos» com a História da aviação contada à s crianças.

Duas outras figuras, muito distintas, vieram a conquistar visibilidade no campo da divulgação para jovens. Agostinho da Silva, notabilizado fundamentalmente

pela obra dedicada aos adultos, fez sair, com a chancela da Seara Nova, A vida dos Esquimaus (1938), vindo a publicar, a partir de 1943, toda uma colecção, intitulada Â≪À volta do Mundo – Textos para a Juventude», que engloba temas que vão desde Como se faz um tÃonel até Viagem à Lua, Os Primeiros Aviões, Vida das Enguias, Aventuras com Tubarões.

Paralelamente começou a impor-se Adolfo Simões Müller, profissional da escrita para os mais novos, que na colecção «Gente Grande para Gente Pequena», destinada a jovens entre os 12 e os 16 anos, apresentou «o romance dos homens que, pela inteligência e pelo coração, pelo sonho e pelo esforço, contribuÃ-ram para o bem da humanidade e para tornar a Terra maior». Entre as múltiplas biografias sobressaem as de Madame Curie (A pedra mágica e a princesinha doente) e de Edison (O homem das mil invenções), editadas em 1945 e 1947.

Foi nesta tradição que o emérito docente do Liceu Pedro Nunes se veio a inserir, traçando embora rotas muito pessoais. Trouxe para a liça a cultura cientÃ-fica, abordada por um cientista, e o sonho de despertar a curiosidade, o interesse activo dos estudantes por temas até então nunca abordados entre nós fora do contexto escolar.

Rómulo de Carvalho iniciou-se prematuramente nas áreas em que se havia de evidenciar, escrevendo o primeiro poema aos cinco anos e estreando-se como professor a partir dos oito, idade em que terminou a instrução primária, com uma autorização especial do Ministério da Educação. Impedido de entrar de imediato no ensino secundário, manteve-se no coléqio onde estudara, ajudando os professores a dar aulas aos alunos mais atrasados.

Ele próprio confessou o seu gosto infantil pela exposição: «Lembro-me que quando era criança estudava as lições a expor, a falar com as portas, as paredes, as janelas, a repetir o que aprendia como se estivesse a ensinar aos objectos».

Â

Na mesma entrevista, narrou como foi prosseguindo:

"Quando ainda estava a acabar o liceu, comecei a dar lições para ganhar algum dinheiro, e apercebi-me que os explicandos se agradavam muito da forma como eu ensinava, particularmente na parte cientÃ-fica. E apercebi-me também de que tinha uma certa inclinação [â€i] para a reflexão sobre temas cientÃ-ficos."

Embora se sentisse igualmente vocacionado para as Letras, a que obteve ali \tilde{A}_i s notas mais elevadas, decidiu-se pelas Ci \tilde{A}^a ncias, facto de que nunca veio a arrepender-se.

A sua obra dedicada aos mais novos, para além dos manuais, é essencialmente constituÃ-da por duas importantes colecções que vieram a marcar gerações de jovens e comprovadamente aguçaram o espÃ-rito de futuros investigadores.

Em 1952 iniciou, na editora Atlântida, de Coimbra, a colecção «CiÃancia para gente nova», na qual assinou, ao longo de uma década, todos os tÃ-tulos, com excepção do 6.Âo, a História do Sangue de IIÃ-dio Sardoeira. Passamos a enumerá-los:

1 â€" História do Telefone, 1952

2 â€" História da Fotografia, 1952

3 â€" História dos Balões, 1953

4 â€" História da Electricidade Estática, 1954

5 â€" História do Õtomo. 1955

6 â€" História do Sangue, 1957

7 â€" História da Radioactividade, 1957

8 â€" História dos Isótopos, 1962

9 â€" História da Energia Nuclear, 1962

Era, à época, a única colectânea portuguesa de divulgação cientÃ-fica para crianças e, até hoje, nenhum amplo projecto similar veio a lume.

Carlos Fiolhais, seu seguidor, reconhece que leituras como a da História da Energia Nuclear tiveram o condão de o atrairem definitivamente para a causa cientÃ-fica, por lhe revelarem uma ciência não acabada, sem proporções rÃ-gidas, mas imersa num contexto histórico, de descoberta, de tentativa e erro. O seu mestre «Insistiu que a ciência, nomeadamente a mais moderna, é feita de construção, de curiosidade e esforço de homens e mulheres reais. Dissenos que a ciência estava viva e se recomendava».

Estes livros são profusamente ilustrados com gravuras antigas, que contribuem para dar uma perspectiva histórica, modelos, gráficos, desenhos actuais que têm em vista a figuração bem explÃ-cita de objectos ou experiências. Um deles, a História dos Isótopos, apresenta uma capa de António Gedeão, alter ego do professor que, além de poeta, também como artista plástico se expressava.

Se o volume atrás referido se reveste já de certa complexidade, os trÃas primeiros vão ao encontro de interesses bem elementares de crianças e utilizam uma linguagem perfeitamente adequada à pré-adolescÃancia.

A cióncia foi a sua religião, considerando que a manipulação pelo homem de fenómenos fÃ-sicos produz verdadeiros, insofismáveis milagres, a que podemos assistir, em que podemos participar, como numa aventura. Senão, vejamos o que afirmou na História da Fotografia:

Â

"A descoberta da fotografia \tilde{A} © uma das realiza \tilde{A} § \tilde{A} µes mais extraordin \tilde{A} ¡rias que o g \tilde{A} ©nio do homem tem conseguido. Por meio dela eternizamos o que \tilde{A} © passageiro, tornamos a ver o que j \tilde{A} ¡ passou, continuamos vivos depois de mortos. Pegase na pequena caixa preta, dirige-se para a pessoa que se estima, para o objecto que nos agrada ou a paisagem que nos encanta,

move-se uma pequena alavanca e o milagre estÃ; realizado."

Â

Aguçou o gosto pela observação, espicaçou o desejo de saber latente em todas as crianças, incentivando a que, da simples, estática observação, evoluÃ-ssem para a fase das interrogações, procurando a explicação das coisas, pois considerava essa a base do espÃ-rito cientÃ-fico. Não se limitou também à apresentação de problemas cientÃ-ficos e soluções tecnológicas, optando por contar, paralelamente, histórias, factos curiosos, até anedotas. Revelou biografias que constituem marcos da cióncia e da humanidade.Os «Cadernos de Iniciação CientÃ-fica», publicados pela Sá da Costa, entre 1979 e 1985, são ainda mais numerosos, incluindo os seguintes volumes breves, que não excedem uma dðzia e meia de páginas:

1 – A Descoberta do Mundo FÃ-sico, 1979 2 – A ExperiÃancia CientÃ-fica, 1979 3 â€" A Natureza Corpuscular da Matéria, 1979

4 â€" Moléculas, Õtomos e lões, 1979

5 â€" A Estrutura Cristalina, 1980

6 â€" A Energia, 1980

7 – As Forças, 1981

8 – O Peso e a Massa, 1981

9 â€" As Reacções QuÃ-micas, 1981

10 â€" A Composição do Ar, 1982

11 â€" A Pressão Atmosférica, 1982

12 â€" A Electricidade Estática, 1982

13 – A Corrente Eléctrica, 1983

14 â€" Magnetismo e Electromagnetismo, 1983

15 – A Electrónica, 1983

16 â€" A Radioactividade, 1985

17 â€" A Energia Radiante, 1985

18 â€" Ondas e Corpúsculos, 1985

O texto de apresentação da série expressamente os destinou a jovens estudantes dos 9 aos 15 anos, afirmação que em volumes posteriores deixou de ocorrer, talvez por autor ou editor terem concluÃ-do que seria optimista, mas pouco razoável, a expectativa de serem lidos por garotos acabados de sair do primeiro ciclo do ensino básico:

"pretendem ser um meio de informação atraente, pela simplicidade da linguagem e pela apresentação gráfica, de conceitos fundamentais das ciências fÃ-sicas sem os quais se torna duvidosa a aquisição consciente de conhecimentos de nÃ-veis elevados. De facto a experiência escolar dos professores tem mostrado que uma das causas de insucesso dos estudantes

nos cursos complementares resulta exactamente da insegurança com que esses estudantes utilizam as ideias de base, sem as quais não lhes é possÃ-vel progredir nos estudos. Os presentes Cadernos não respeitam nenhuma programação oficial mas acompanham-na, como não podia deixar de ser, na intenção de transmitir conhecimentos indispensáveis para a interpretação dos fenómenos que estão na base de toda a construção cientÃ-fica. O autor, sempre pronto a aceitar crÃ-ticas e a corrigir erros, aguarda a opinião dos seus leitores a respeito destes Cadernos."

No volume sobre electrónica abordou a figura incontornável de Edison, formulando, a propósito, a distinção fundamental entre homem de ciência e inventor:

"Edison ignorava a ciÃancia, as suas hipÃateses, as suas leis, a que não atribuÃ-a importância de maior. Em pequeno sÃa frequentou a escola durante trÃas meses, sem ser por dificuldades econÃamicas, e pouco proveito daÃ- tirou. O que sempre quis, durante a vida inteira, foi fazer coisas, imaginar e realizar, indiferente à s doutrinas cientÃ-ficas relativas aos trabalhos técnicos que o preocupavam."

Concluiu que o sistema não era de aconselhar:

"A base de toda a técnica é a ciência, e só esta pode fornecer ao técnico as informações indispensáveis para que o seu trabalho se coloque no caminho próprio, alcançando em menos tempo, e em melhores condições, os fins a que se propõe chegar."

Ao debruçar-se sobre a natureza e a ciência, não podia deixar de se impressionar com a sua beleza, tal como Fernando Pessoa (pela voz de Õlvaro de Campos) ao assegurar que «O binómio de Newton é tão belo como a Vénus de Milo. O que há é pouca gente para dar por isso». Assim, no volume 5, sobre estrutura cristalina, invocou reminiscências literárias de Os LusÃ-adas, em que Camões descreveu a sala do Olimpo, com:

"as deusas em riquÃ-ssimos estrados, os deuses em cadeiras de cristal."

recordando igualmente a literatura popular em que brilham os sapatinhos de cristal da Gata Borralheira.

Patenteou aos jovens que não é necessário ter um laboratório para fazer experiências cientÃ-ficas:

"Os primeiros anos da nossa vida são riquÃ-ssimos em tais experiÃancias, muitas crianças, sentadas nos seus berços com a chupeta na boca ou um brinquedo na mão, deixam cair propositadamente esses objectos para o chão [â€i], tais experiÃancias assemelham-se à s dos cientistas que, de forma anÃiloga, tiram conclusões que serão consideradas leis."

Sendo a cultura inimiga da pressa, repetidamente aconselhou os leitores a procurarem assimilar conhecimentos básicos

antes de passarem a uma fase seguinte. Era o professor quem assim falava, baseado nos conhecimentos didácticos, que dele fizeram um insigne metodólogo do Liceu Pedro Nunes.

Se foram as duas colecções de divulgação cientÃ-fica atrás referidas que o tornaram um autor incontornável no campo da literatura infanto-juvenil, não podemos no entanto esquecer duas outras obras, de caracterÃ-sticas completamente diferentes, uma delas escrita nos inÃ-cios da década de 40 e que só postumamente veio a público e outra, em verso, firmada por António Gedeão, que saiu em 1981.

As origens de Portugal – História contada a uma criança são um grosso volume manuscrito, magnificamente ilustrado, destinado à leitura e partilha Ã-ntima com seu filho, então com sete anos. Nunca pretendeu o autor publicá-lo, mas em boa hora a Fundação Calouste Gulbenkian no-lo deu a conhecer em 1998, numa edição facsimilada. Aposta na relação directa, coloquial, entre o escritor e o leitor/ouvinte, funcionando, de certo modo, como uma conversa, com todas as suas derivações. Apela para uma atenção activa, esperando interrogações ou solicitando respostas de quem, pela primeira vez, se defronta com os prelÃodios da nossa história.

"Sabes o que é um mapa? Já sabes onde fica Portugal?

Ora como é que nÃ3s, hoje, podemos saber as coisas que se passaram hÃ; oitocentos anos?"

Seguro da importância da ilustração apelativa, colorida para a faixa etária a que se dirigia, elaborou uma obra exuberante, em que o desenho se intercala no texto, oscilando entre a máxima exactidão cientÃ-fica e o humor, recorrendo inclusivamente a esquemas próximos da banda desenhada. A ilustração é o complemento indispensável da narrativa, bem como das diversas explicações que a acompanham, que, de outra forma, poderia tornar-se demasiado abstracta. Por isso não hesitou, em determinadas passagens, em aconselhar que o melhor era ver o «bonequinho».

Para a maioria das crianças a proto-história de Portugal e os primeiros anos da nacionalidade são perÃ-odos dificilmente assimiláveis, pelos quais os miúdos passam como cão sobre vinha vindimada, desinteressados de povos desconhecidos que se sucedem a outros igualmente desconhecidos, que viveram em terras com nomes caÃ-dos em desuso. Não possuindo uma noção do tempo histórico, as datas que os fazem fixar não tóm sentido e guardam muitas vezes desse perÃ-odo apenas uma visão turva, semeada de batalhas e conquistas.

Pois Rómulo de Carvalho entrou, sem reservas, no mundo das vivências infantis. Ao falar das lutas entre cristãos e sarracenos, sintetizava assim a atitude dos guerreiros do norte: «atiraram-se aos mouros como tu costumas atirar-te aos doces. Foi o que se chama uma limpeza».

O que de mais importante e original se me afigura nesta abordagem histórica é a preocupação da exactidão, da verdade, da imparcialidade, não compactuando com os modelos então em voga no Estado Novo (e não só), sempre prontos a omitirem, deformarem, agigantarem a realidade, transformando os relatos históricos para crianças em narrativas heróicas, gloriosas. Ao invés, incentiva o sentido crÃ-tico e nomeadamente ético, em relação a personagens e factos, o respeito pela liberdade de consciência de quem professa uma religião, seja ela qual for.

Não esconde a barbaridade dos cruzados, dos cavaleiros de Afonso Henriques, trespassando com lanças velhos, mulheres, crianças, roubando a própria roupa que traziam vestida aos pobres vencidos. Descrevendo as lutas como se de um filme se tratasse, aconselha: «O melhor é tu fechares os olhos para não veres tanta desgraça».

Homem de forma \tilde{A} § \tilde{A} £o cient \tilde{A} -fica arreigada, insistiu em desmitificar fantasias e patranhas enganadoras que os adultos t \tilde{A} am por h \tilde{A} ibito impingir aos garotos:

"Não queiras acreditar nas fadas, nem nos papões, nem nos prÃ-ncipes transformados em gatos e em cães, nem nos reis que passeiam de manto e de coroa na cabeça.

Os reis são homens como quaisquer outros. Quando nascem vêm nus como tu quando nasceste. Comem como tu, mastigam com os dentes como tu, constipam-se como tu e, Ã s tantas, morrem como tu."

O livro, invulgarmente extenso para um perÃ-odo que termina com D. Sancho I, suscita muitas abordagens laterais, a propósito de ensinamentos básicos de geografia, cióncias naturais, cultura geral, indispensáveis à compreensão da história que, à época, era na escola papagueada como um elenco de reis com seus cognomes, batalhas com sua cronologia, destinando-se a criar na mocidade portuguesa uma visão patrioteira.

Rómulo de Carvalho deteve-se na vida quotidiana dos povos que habitaram a PenÃ-nsula, dando a conhecer usos e costumes:

"Pois fica sabendo que os celtiberos, em vez de atirarem as pedras à mão, usavam uma engenhoca para que as pedras

fossem atiradas com muito mais força. Vou explicar-te como era essa engenhoca [a funda]."

E explicou, tal como explicou o que é o cristianismo, o que são bibliotecas, pederneiras, etc., etc., aconselhando as crianças a fazerem com os pais a experiÃancia de atearem fogo como os homens primitivos.

Descreveu pormenorizadamente um castelo, visto estas fortificações fazerem parte do imaginário infantil e serem, simultaneamente, construções vitais para o perÃ-odo em estudo, mas não o descreveu apenas como baluarte militar, focou a sua função na vida social envolvente. Novidade para a época, introduziu o livro-brinquedo:

"Nas folhas que se seguem encontras desenhado um castelo para tu recortares, colares e armares [â€i]. E quando fores grande não te esqueças de ir à cidade de Guimarães visitar o lindo castelo que lá está."

A linguagem é super coloquial. Nenhum escritor portuguÃas utilizara expressões como a que passo a citar:

"Fazes ideia como é que os lusitanos teriam ficado quando viram morto o seu grande chefe Viriato? Ficaram fulos, furiosos, danados. Se apanhassem os romanos todos ali ao pé até os matavam à dentada."

Rómulo de Carvalho que, aos dez anos, se tinha proposto continuar Os LusÃ-adas, tendo publicado algumas estrofes no NotÃ-cias de Évora, não deixou de aludir à poesia na obra que temos vindo a comentar:

"Sabes o que são poetas? São os homens que fazem versos. Quando os versos são bonitos e soam bem aos ouvidos é muito agradÃįvel Iê-los. Muitas pessoas aborrecidas ficam bem dispostas quando Iêem versos. Por isso ser poeta é tão útil como ser grande médico ou ser grande engenheiro."

No entanto, foi só quase 40 anos mais tarde, em 1981, que, com o pseudónimo literário, veio a publicar um auto em verso, onde se encontra sintetizada a dualidade cientista-poeta.

Interpretado por companhias profissionais e amadoras para crianças (a partir dos 8 anos, segundo a apresentação do texto), tem sido representado em ateliês cientÃ-ficos como os que se realizam no Pavilhão do Conhecimento, no âmbito da rede Ciência Viva.

Interessado na cultura popular e tradições que sobejamente veiculara na sua obra sobre as origens de Portugal sob a forma de lengalengas e rifões, apresentou inicialmente a lenda, segundo a qual as manchas da Lua são a figura de um camponês com um molhe de lenha à s costas, que o Senhor do Mundo para o nosso satélite desterrara pelo pecado de trabalhar ao domingo.

A vida atribulada, a miséria dum desgraçado sem eira nem beira faz-nos recordar alguns dos poemas para adultos que exprimem as suas preocupações com injustiças sociais e a prepotÃancia dos mais poderosos:

"Ã" miséria derradeira! Anda um pobre como eu a fossar a vida inteira p´ra não ter nada de seu!"

Gedeão, atento ao fascÃ-nio que as narrativas fabulosas podem exercer sobre imaginações férteis ou incautas, dando lugar a crendices, não se poupou ao cuidado de alertar para a sua inadequação à verdade. Por isso a narradora desta peça esclarece:

"E Iá está ele coitado! E dali ninguém o tira! O que vale é que é mentira porque foi tudo inventado."

À falsidade da lenda junta-se a ignorância dos populares sobre a origem das máculas lunares, que vem a ser esclarecida por um astrónomo que, com um tripé mais um canudo, apresenta a realidade ampliada por lentes telescópicas.

"[â€i] a superfÃ-cie imensa do astro chamado Lua é toda aos altos e baixos com montanhas e crateras."

Às curiosas interrogações dos populares

"E há lá uvas aos cachos e nos buracos há feras?"

o cientista forneceu respostas seguras, explicando o poético luar como um simples fenómeno natural e enaltecendo as viagens espaciais que levaram o Homem até esse planeta.

ExÃ-mio fotógrafo, Gedeão optou pelo recurso à projecção de imagens, que têm um impacto espectacular, e fez mover em cena os personagens que representam o Sol, a Terra e a Lua, conseguindo, através de um jogo de luzes, dar ao vestido rodado de uma rapariga aspectos semelhantes aos das fases do nosso satélite.

A obra termina com uma dança jocosa, brincando com o adágio de que a Lua é mentirosa, por trocar o C com o D:

"Ai que giro que isto é! Vamos todos dar ao pé porque a lua é mentirosa!"

Sempre rigorosos, Rómulo de Carvalho ou António Gedeão, não deixaram nunca de frisar, como no poema Pedra Filosofal, a importância do sonho como alavanca para o progresso individual e da humanidade.

"Eles não sabem nem sonham que o sonho comanda a vida, que sempre que um homem sonha o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança."!

Foi esse sonho que exaltou nas biografias de cientistas, inventores, homens de engenho.

Que leitor da História dos balões se não recorda do pequeno Santos-Dumont, inconformado com o facto de os companheiros de brincadeira não aceitarem que os homens podiam voar? Foi o impulso desse desejo que o fez, em adulto, ganhar asas.

Ao ler os impressivos testemunhos de quantos se deixaram seduzir, nos verdes anos, pela capacidade Ã-mpar de Rómulo de Carvalho de ensinar, no laboratório e nos livros, considero que lhe devemos dirigir um agradecimento semelhante ao que ele próprio formula a um dos mais famosos pensadores e divulgadores da cióncia:

"Eu queria agradecer-te, Galileo, a inteligÃ^ancia das coisas que me deste. Eu, e quantos milhões de homens como eu a quem tu esclareceste." Â